



## **Psicossociologia do tempo no isolamento social: perspectivas de um estudo brasileiro**

## **Psychosociology of time in social isolation: perspectives of a brazilian study**

Recebimento dos originais: 24/02/2023

Aceitação para publicação: 29/03/2023

### **José Clerton de Oliveira Martins**

Doutor em Psicologia pela Universidade de Barcelona

Instituição: Universidade de Fortaleza

Endereço: Avenida Washington Soares, 1321, Fortaleza – CE, CEP: 60811-905

E-mail: clerton@unifor.br

### **Icaro Moreira Costa**

Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600, Porto Alegre - RS, CEP: 90035-002

E-mail: psi.icarocosta@gmail.com

### **Francisco Welligton de Sousa Barbosa Junior**

Doutorando em Estudos Culturais pela Universidade de Aveiro

Instituição: Universidade de Aveiro, Portugal

Endereço: Campus Universitário de Santiago, Aveiro, Portugal, 3810193

E-mail: franciscowbjr@gmail.com

### **Raphaella Paiva Cardoso**

Doutoranda em Antropologia pela Universidade de Salamanca - Espanha

Instituição: Universidade de Salamanca

Endereço: Edifício FES, Campus Miguel de Unamuno, P. ° Francisco Tomás y Valiente,

S/N, Salamanca, Espanha, 37007

E-mail: raphaellap@hotmail.com

### **Renata Mota Barbosa**

Mestra em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Instituição: Universidade de Fortaleza

Endereço: Avenida Washington Soares, 1321, Fortaleza – CE, CEP: 60811-905

E-mail: renatamotab@gmail.com

### **Cynthia de Freitas Melo Lins**

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Instituição: Universidade de Fortaleza

Endereço: Avenida Washington Soares, 1321, Fortaleza – CE, CEP:60811-905

E-mail: cf.melo@yahoo.com.br

#### **RESUMO**

Ao longo dos últimos anos o mundo tem vivenciado uma situação de pandemia que, devido ao alto grau de contaminação e letalidade, levou governos de diversos países, incluindo o Brasil, a adotar medidas como o isolamento social, o que gerou impactos psicossociais em inúmeros sujeitos. Diante do cenário apresentado, buscamos neste estudo identificar que significados foram atribuídos pelos brasileiros ao tempo no isolamento em decorrência da pandemia de COVID-19. Este artigo decorre das análises de um estudo multimétodos que contou com a participação de 2200 brasileiros, que responderam a um questionário sociodemográfico e uma pergunta aberta, divulgados via meios digitais. Para a organização e análise dos dados utilizou-se os *softwares* SPSS, IRaMuTeQ e a técnica da análise de conteúdo de Bardin. A partir desses processos foram selecionadas evocações que encaminham representatividades no conjunto dos participantes, como as palavras: Livre, Tédio, Ócio e Trabalho, selecionadas para análise de conteúdo segundo orientações de Bardin. Os resultados apontaram questões psicossociais envolvidas nas experiências de isolamento/distanciamento, que refletem, sobretudo, nas percepções sobre autonomia ou falta desta na apreensão das novas temporalidades sociais e subjetivas, reorganização no tempo de trabalho e do lazer, possibilidades e impossibilidades de ócio, e tédio como percepção de ausência de sentido. Assim, somos orientados a inferir que o isolamento social, junto ao estado de pandemia, conduziu os participantes a novas configurações sobre tempo, espaço, tempo de trabalho e ócio, interferindo em seu bem-estar e qualidade de vida, convocando elementos estressores decorrentes de ajustamentos psicossociais de ordens diversas.

**Palavras-chave:** isolamento social, tempo, Brasil.

#### **ABSTRACT**

Currently, the world has experienced a pandemic situation which, due to the high degree of contamination and lethality, has led governments of several countries, including Brazil, to adopt measures, such as social isolation, which has generated psychosocial impacts on countless subjects. Given the scenario presented, we seek in this study to identify what meanings has been attributed by Brazilians to the time in isolation due to the pandemic of COVID-19. This article stems from the analysis of a multi-method study with the participation of 2,200 Brazilians, who answered a sociodemographic questionnaire and an open question, disseminated via digital media. For the organization and analysis of data the softwares SPSS, IRaMuTeQ and content analysis by Bardin were used. Based on these processes, evocations were selected that led to representativeness in the group of participants, such as the words: Free, Boredom, Leisure and Work, selected for content analysis according to Bardin's guidelines. The results pointed to psychosocial issues involved in the experiences of isolation/detachment, which reflect, above all, the

perceptions about autonomy or lack of it in the apprehension of new social and subjective temporalities, reorganization in working and leisure time, possibilities and impossibilities of leisure, and boredom as a perception of meaninglessness. Thus, we are guided to infer that social isolation, along with the pandemic state, led the participants to new configurations about time, space, work and leisure time, interfering in their well-being and quality of life, summoning stressors resulting from psychosocial adjustments of various kinds.

**Keywords:** social isolation, time, Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea pode ser caracterizada como uma sociedade marcada pelo cansaço. Uma sociedade cujos sujeitos, em seus cotidianos, estão cada vez mais realizando inúmeras atividades, voltadas à produção e ao consumo. Atividades estas que se dão de forma acelerada, apropriando-se inclusive de seus tempos livres, agora cada vez mais raros, e de seus tempos voltados para o descanso (Han, 2016, 2018).

Tais sujeitos, no entanto, não imaginavam que pudessem ocorrer eventos de ordem mundial que afetassem a todos e às suas formas de apropriar-se de suas temporalidades e de dizer sobre si mesmos. É o que se percebe quando voltamos nosso olhar para o fim do ano 2019 e primeiros meses de 2020, atravessados por eventos que convocaram medos, pausas, silêncios, momentos de reflexão e de preocupar-se consigo próprio e com os demais, com o coletivo.

Esta cadeia de mudanças iniciou-se com a descoberta, na cidade de Wuhan/China, de uma nova variante de coronavírus, o *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-CoV-2), causador da *Coronavirus Disease 2019* (COVID-19) (Aquino *et al.*, 2020; Lins *et al.*, 2020; Cristina de Oliveira *et al.*, 2020). Em poucos meses o vírus se espalhou em outros países, territorializando-se mundialmente, e repercutindo em outro marco, em termos concretos e institucionais, a nível mundial: a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou, no dia 11 de março de 2020, a condição de pandemia por infecção de COVID-19 (Governo do Brasil, 2020; Honório, 2021; Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], 2020).

O mundo foi obrigado a parar e se recolher. Devido ao alto índice de contagiosidade e de mortos, à inexistência de vacinas e de tratamento antiviral aprovado para o tratamento da COVID-19, a OMS instituiu diferentes medidas não farmacológicas para conter a doença e evitar o esgotamento dos sistemas de saúde, convocando, entre outras, o isolamento e o distanciamento social (Faro *et al.*, 2020; World Health Organization [WHO], 2020a, 2020b). E em situações mais extremas, o poder público decretou *lockdown*: o distanciamento social amplo, que envolve o sistema de transporte, o comércio não essencial, suspensão das aulas em instituições de ensino e até a circulação de pedestres na rua (Aquino *et al.*, 2020; Kleber de Oliveira *et al.*, 2020).

No caso do Brasil, como ação de mitigação frente à crise de saúde mundial, o isolamento social também foi adotado (Honório, 2021). Nesta realidade, precisamos considerar algumas características e peculiaridades de um país de tamanho continental: diferentes climas, alto índice populacional, grande abismo social e econômico, uma multiplicidade de nível educacional e iniquidades na saúde da população – fatores que interferiram e promoveram grande diversidade nas quarentenas vividas em nosso país (Garbois *et al.*, 2017; Kleber de Oliveira *et al.*, 2020).

Ainda em relação ao caso brasileiro, outros fortes componentes contribuíram para o agravamento da pandemia: o aprofundamento de uma crise econômica, sanitária, política e institucional; a brusca mudança na rotina dos brasileiros; e a ameaça de um inimigo invisível (o vírus) com consideráveis índices de mortos (Lins *et al.*, 2020; Martins, 2021). Todas essas questões, somadas ao isolamento social, à intensa convivência familiar em confinamento no domicílio, aos impactos no mundo do trabalho, às relações de consumo e aos valores que orientam a vida, são atributos que puderam impactar na saúde mental de quem viveu o isolamento social na pandemia de COVID-19 no Brasil (Bezerra *et al.*, 2020; Martins, 2021; Martins *et al.*, 2021; Wei *et al.*, 2020).

Assim, e sabendo de impactos da pandemia e, principalmente, do isolamento social, em âmbitos psicossociais dos brasileiros (Crepaldi *et al.*, 2020; Macedo *et al.*, 2020; Martins, 2021), o presente estudo buscou identificar que significados foram atribuídos pelo brasileiro ao tempo do isolamento advindo da quarentena em decorrência da pandemia pela COVID-19. Seria um tempo livre? Ou seria um tempo de lazer?

Alcançaríamos a possibilidade de uma experiência de ócio? Ou, em se tratando de um contexto de condições compulsórias, seria um tédio generalizado? Existiram outras evocações? Estas foram algumas questões que nos orientaram a este estudo.

E com a finalidade de contribuir para as articulações teóricas desenvolvidas, também tomamos como inspiração literaturas de autores que se debruçam sobre as temáticas apontadas. É o caso de Agamben (2016), Butler (2017), Cuenca (2000), Francileudo e Martins (2016), Lins *et al.* (2020), Martins (2013, 2018 2021), Martins *et al.* (2021), Salis (2004), Svendsen (2015), entre outros.

## 2 MÉTODO

### 2.1 DESENHO DO ESTUDO

Orientando-se com base no objetivo apontado, este estudo se caracteriza enquanto de enfoque qualitativo, descritivo e exploratório, em que foi realizada uma coleta de dados a nível nacional e com uso de multimétodos.

### 2.2 AMOSTRA E PARTICIPANTES

Contamos com uma amostra de conveniência composta por 2.200 brasileiros. Como critério de inclusão, considerou-se: ser brasileiro e maior de 18 anos de idade, com acesso à internet, com condições de leitura de um questionário disponibilizado *online* e que aceitasse participar da pesquisa. Foram excluídos: pessoas sem acesso à internet e/ou sem condições de leitura do questionário.

A partir da descrição dos dados sociodemográficos, observou-se que os participantes possuíam uma média de idade de 39,11 anos (DP = 14,11). A maioria era do sexo feminino (n = 1723; 78,30%) e realizavam distanciamento/isolamento social voluntário (n = 2028; 84,50%). Além disso, os maiores percentuais encontrados nos dados sociodemográficos foram: 36% apresentavam renda mensal superior a 5.000 reais (n = 854); 29,50% eram autônomos/profissionais liberais (n = 709); 48,90% possuíam pós-graduação (n = 1174); e 48,10% residiam no Nordeste brasileiro (n = 1.059).

### 2.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados se deu a partir de respostas ao questionário, disponibilizado *online*, o qual teve como intuito apreender os impactos referentes à saúde mental, uso do tempo e relação pessoa-ambiente no domicílio durante o isolamento social adotado no Brasil. O questionário esteve disponível a respostas ao longo dos dias 8 a 28 de maio de 2020, difundido por meio de aplicativos, redes sociais e reportagens de jornais.

Em primeiro momento, os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, o qual contemplou questões como sexo, renda, vínculo empregatício, escolaridade, nível de adesão ao distanciamento social e região do país onde mora. Em seguida responderam a questões referentes às suas vivências durante o isolamento decorrente da atual pandemia. Entre as questões respondidas, elegemos uma cujas respostas foram alvo de estudo neste texto: o que é o tempo do isolamento?

### 2.4 ASPECTOS ÉTICOS

Antes de seguir, é importante mencionar que este estudo, cujo projeto foi aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer N° 4.014.996, cumpriu as orientações éticas estabelecidas em relação a estudos desenvolvidos com seres humanos, em que se resguardam nomes e demais informações que possam identificar os participantes. Além disso, foi apresentado aos participantes um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde estas e outras informações estiveram presentes, seguindo os preceitos éticos exigidos pela Resolução n° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

### 2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados sociodemográficos foi obtida estatística descritiva, com o auxílio do *Statistical Package for Social Science* (SPSS), versão 25. Para a análise dos discursos dos participantes, foi utilizado o *software* Interface de R *pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRaMuTeQ), programa gratuito desenvolvido pelo pesquisador francês Pierre Ratinaud, e que, a partir das palavras mais evocadas nas respostas dos participantes (Camargo & Justo, 2013), conduziu-nos à elaboração de uma nuvem de palavras, cujos termos principais possibilitam a criação de





Conforme mencionado, a partir das palavras de maior destaque na nuvem e da leitura dos discursos dos participantes, foram organizadas categorias por meio de uma análise de conteúdo (Bardin, 2008): (1) Livre (Consciência sobre a Liberdade e o Tempo), (2) Tédio, (3) Trabalho e (4) Ócio (Tabela 1). Com base em tal orientação, buscamos estabelecer uma relação entre as expressões dos participantes da pesquisa e o conhecimento teórico existente sobre os termos. Isso permitiu que, a partir das palavras mais evocadas pelos participantes, fosse possível o desenvolvimento e aprofundamento das categorias e, em momento seguinte, as respectivas análises. Na Tabela 1 podemos observar a expressão das categorias desenvolvidas e as suas caracterizações.

Tabela 1 - Caracterização de categorias

<b>Categoria</b>	<b>Caracterização</b>
<b>Livre</b> <b>(Consciência sobre a Liberdade e o Tempo)</b>	Dentre diversas definições, apresenta uma proposição relacionada à liberdade de agir conforme a escolha do indivíduo. O isolamento social comprometeu a liberdade de ir e vir conforme a vontade, e restringiu toda a vida dos brasileiros ao espaço da casa – no caso daqueles que possuem uma. Esta categoria, “Livre”, compreende as falas que correspondem a tal reflexão, levando à consequente percepção dos sujeitos sobre os dispositivos de poder.
<b>Tédio</b>	Representa o sentimento produzido a partir da relação sem propósito definido entre o sujeito e o fenômeno. Pode também ser visto como um estado de aborrecimento do sujeito em relação à experiência. Nesse caso, o que o real apresenta não traz vivacidade, não desperta interesse em aprender, não o apaixona e não o desafia.
<b>Trabalho</b>	Representa a atividade central na vida das pessoas. Passou a agregar no isolamento o termo "ocupação", "atividades". Tempo linear e homogêneo, sem fim, que drena a vida. O tempo de trabalho durante o isolamento social foi modificado, levando a ter mais horas e mais demandas em sua área, pois, provavelmente, o fato de o domicílio ter se tornado também um espaço de trabalho contribuiu para não haver mais diferenciações entre as temporalidades cotidianas.
<b>Ócio</b>	O ócio como possibilidade de integração do sujeito com suas experiências, que, muitas vezes, foram esquecidas pelo contexto contemporâneo de desapropriação. O ócio como convocação de religação do sujeito e seus sentidos, potências, desejos e criatividade.

Fonte: Elaborada pelos autores

As categorias desenvolvidas expressam algumas das apreensões relacionadas ao que os sujeitos apreenderam sobre suas temporalidades durante o isolamento. Após tal definição, discorreremos acerca da primeira, intitulada “Livre (Consciência sobre a Liberdade e o Tempo)”.

### **1) Sobre a categoria “Livre (Consciência sobre a Liberdade e o Tempo)”**

Nessa categoria foram identificados dois tipos de aspectos. O primeiro refere-se à palavra que nomeia a categoria, a qual interpretamos a partir do que nos aponta Martins (2013, 2018), uma proposição relacionada a dois diferentes âmbitos: a ilusão de sentir-se livre por não se estar trabalhando, ou seja, livre do trabalho – o que se configura enquanto uma imposição externa, um discurso hegemônico apreendido pelo indivíduo, não amparando assim um âmbito real de liberdade. E, diferente da anterior, a consciência de estar livre, expressa a partir da liberdade de agir conforme a própria escolha do indivíduo – liberdade enquanto possibilidade liberadora para ser o que se é, verdadeiro exercício de resistência aos discursos hegemônicos.

É interessante observar que o isolamento social comprometeu a liberdade de ir e vir conforme a própria vontade. Ele restringiu a rotina e, de certa forma, a vida dos brasileiros ao espaço do domicílio (no caso daqueles que possuem um) (Ferreira *et al.*, 2021; Martins, 2020, 2021; Martins *et al.*, 2021).

Porém, é necessário desenvolver reflexões acerca dessa liberdade e deste indivíduo contemporâneo. Isso porque a necessidade do isolamento social em domicílio durante a pandemia contribuiu para uma interrupção do estilo de vida contemporâneo, caracterizado por hegemonias, em que se evidenciam subjetividades atravessadas por discursos que dizem de um lugar a ser ocupado pelo indivíduo (Butler, 2017). Discursos que afirmam o indivíduo enquanto alguém livre para escolher o que lhe é melhor – geralmente escolher trabalhar e consumir. Lugar este pautado no imperativo do rendimento, característico do estilo de vida da sociedade cansada (Han, 2018).

O isolamento social trouxe, portanto, para alguns sujeitos da pesquisa reflexões acerca da própria liberdade, aspecto denominado de “consciência de liberdade”, permitindo a esses indivíduos perceber os dispositivos de poder – termo desenvolvido por Agamben (2016) e que se refere a “(...) qualquer coisa que tenha, de algum modo, a

capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (p.39). Isso se pode expressar a partir do seguinte discurso, o qual também se relaciona ao segundo aspecto presente nessa categoria: “Tempo que, apesar de produtivo, não é livre, já que não tenho opção de escolher o que fazer” (Participante 313).

Este aspecto apontado, entrelaçado ao primeiro, refere-se ao tempo, unidade a partir da qual apreendemos a nós próprios e nossas rotinas, geralmente divididas entre as temporalidades de trabalhos e obrigações e as demais, denominadas tempos livres, liberados das obrigações (Martins, 2013, 2021), que podem ser vividos no âmbito do domicílio/lar, onde se realizam atividades de lazer, descanso, assim como se vivenciam experiências prazerosas.

Tal percepção sobre a vivência do tempo, no entanto, modifica-se ao estarmos confinados ao espaço do domicílio – como ocorreu durante o isolamento social nesse período de pandemia. Em primeiro momento, trata-se de uma ideia de um tempo desobrigado de responsabilidades (sem obrigações laborais ou escolares), o que poderia, à primeira vista, ser um momento de parada e reflexões e construção de narrativas sobre si (Martins, 2021). De outro modo: uma resistência a discursos predominantes na sociedade em que vivemos, de tempo acelerado (Han, 2016, 2018), cujas práticas se orientam a partir da produção e do consumo.

No entanto, é interessante observar que, em seguida, ainda num período de isolamento social em domicílio, onde não houve a possibilidade de deslocamento entre espaços (como a saída da casa para a escola, trabalho e lazer), e onde todas as atividades rotineiras passaram a ser obrigatoriamente realizadas no próprio domicílio, essa apreensão sobre a percepção e vivência do tempo apresentou mudanças por parte do indivíduo, que sofreu um profundo impacto emocional e psíquico. O domicílio se tornou o ambiente para todas as atividades do ser humano: trabalho, lazer, descanso, estudo, etc (Ferreira *et al.*, 2021; Lins *et al.*, 2020; Martins, 2021; Martins *et al.*, 2021). Nesse sentido, cabe a pergunta: ainda existe tempo livre? O trecho a seguir, por exemplo, destaca sobre essas mudanças:

A passagem do tempo em quarentena ocorre de outra forma: os afazeres mudam, a rotina muda, a relação com o trabalho é outra, o tipo de lazer muda, os cuidados com a saúde mudam. Dessa forma, a relação com o tempo tem outra configuração (Participante 195).

## 2) Sobre a categoria "Tédio"

No contexto das evocações presentes no estudo, uma muito representativa foi expressa a partir da palavra "Tédio". Este termo pode ser interpretado com base em apreensões de inspiração filosófica, segundo as quais, desde tempos remotos, o tédio se apresenta como um sentimento inerente ao ser humano. Um sentimento caracterizado como algo relativo à ausência de sentidos frente à vida. Sentimento produzido a partir da relação sem propósito definido entre o sujeito e o fenômeno (Martins, 2021).

Essa condição também pode ser vista como um estado de aborrecimento do sujeito em relação com a experiência. Nesse caso, o que o real apresenta não traz vivacidade ao sujeito, não lhe desperta interesse em aprender, não o apaixona e não o desafia. Nesse estado de humor existe uma dificuldade em se saber o que fazer com a passagem do tempo e com a própria existência (Svendsen, 2015).

É interessante observar que na contemporaneidade, diante do fenômeno de não se conseguir atribuir um sentido à realidade, às temporalidades que vivemos e às atividades que realizamos, o termo "tédio" tem ganhado destaque. Afinal, cada vez mais as atividades que realizamos são voltadas para atender apenas a discursos externos, contribuindo para se intensificarem nossas angústias, crescerem nossos vazios nos tempos em que, quando paramos e estamos sozinhos, mais parecem arrastados e sem sentidos. E como forma de fugir a esta angústia e desapropriação do tempo (também desapropriação de si), como forma de fugir do vazio, utilizamos nossos tempos para trabalharmos cada vez mais para consumirmos coisas de que não precisamos, e consumimos cada vez mais para mais trabalhar (Salis, 2004).

No entanto, durante o isolamento, com as novas temporalidades vividas, o tédio mais uma vez se convocou, e se intensificaram os nossos vazios. É o que podemos ilustrar a partir do seguinte trecho de um participante do estudo: "Há a necessidade de readaptação para se estabelecer novas rotinas. Mas, mesmo assim, atividades antes desenvolvidas, e agora impedidas, criam um espaço de vazio" (Participante 62).

Para além disso, no isolamento social, o tédio, que se fez mais presente, cotidiano, passou a se localizar na ideia de ausência de diversificação das tarefas, bem como na impossibilidade de se deslocar para outros espaços além do próprio domicílio (Lins et al., 2020; Martins, 2021). Assim, percebendo-se limitado ao espaço e ao tempo e sem as práticas de atividades de consumo e determinados lazeres (como ir ao *shopping*, ao mercado, à praia, ao parque, etc.), fez-se cada vez mais difícil fugir dos próprios vazios convocados pelas faltas de sentido ao contínuo da vida, ao eterno-presente: “Ficar muitos dias em casa sem ter objetivos, claro, dá um tédio” (Participante 199).

### 3) Sobre o “Trabalho”

Outra evocação significativa foi o termo “Trabalho”, o qual, desde a Revolução Industrial, tornou-se um eixo central nas temporalidades humanas, e vem ganhando um papel fundamental na vida das sociedades, contribuindo, cada vez mais, com a produção das subjetividades dos sujeitos (Martins, 2013, 2018).

O isolamento social, no entanto, provocou uma série de mudanças nas rotinas de muitas pessoas, em que se destacou o trabalho: desde então realizado no próprio domicílio, passou a ter um papel muitas vezes prioritário nesse âmbito, gerando dificuldades de trabalhadores em se adaptarem às suas novas rotinas (Martins, 2021). Na fala do Participante 157 é possível observar esse aspecto: “Difícil ficar em casa, sem poder ir ao trabalho”.

É interessante observar que atualmente o tempo de trabalho vem, cada vez mais, tornando-se mercadoria, e os tempos livres se tornando tempo de trabalho, tempos voltados à produção. Na fala do Participante 1298 observou-se como esse tempo de trabalho durante o isolamento social também foi modificado, levando a ter mais horas e mais demandas em sua área: “Não há limite de horas no trabalho. Metas deverão ser alcançadas, e passam de 12 horas todos os dias da semana. Muitas reuniões e atendimento de demandas”.

De acordo com Han (2016, 2018), a sociedade contemporânea caracteriza-se por um movimento de pressa, cansaço, esgotamento, produtividade e consumo, o que leva a um distanciamento dos sujeitos em relação a sua interioridade, vivendo apenas a serviço de uma produção incansável. E hoje, sem um padrão para lhe impor o que deve fazer,

torna-se senhor e escravo de si mesmo, buscando, a todo instante, render ao máximo, com metas cada vez mais altas – do que resulta, quando não as consegue alcançar, um sentimento de exaustão, fracasso, culpabilização e, em consequência, depressão (Han, 2018).

Essa crise contemporânea, para Han (2016), está diretamente ligada ao papel que o trabalho ocupa: “imperativo do trabalho, que degrada a pessoa em animal *laborans*” (p. 10). Tal imperatividade contemporânea impossibilita que os sujeitos tenham uma vida contemplativa e reflexiva, perdendo cada vez mais a sensibilidade sobre sua própria existência, já que seu tempo é dedicado quase todo ao trabalho.

Durante a análise das respostas encontradas podemos observar como o animal *laborans*, citado por Han (2016), ocupou ainda mais as realidades dos trabalhadores no período do isolamento social, o que podemos observar a partir da fala do Participante 2: “Esse tempo de isolamento, que poderia ser nosso, tem sido roubado pela invasão dos trabalhos e da tecnologia, atravessando os limites de tempo e espaço e adentrando na intimidade da nossa casa”.

Na expressão do Participante 22 observa-se como o novo formato de trabalho em casa, em decorrência da pandemia, modificou a rotina, trazendo mais demandas para as pessoas, pois, além do *home office*, muitos trabalhadores precisaram lidar com outras ocorrências. Assim, o atributo associado a esse momento de isolamento social está relacionado, muitas vezes, ao cansaço: “Sou professora e estou trabalhando em *home office*, e preciso modificar a estrutura do trabalho. Dessa forma, acabo trabalhando mais, e fica bem cansativo” (Participante 22).

O *home office* já era uma prática de trabalho comum, principalmente com o aumento do uso das tecnologias. Porém, existia uma rotina escolhida e organizada pelo trabalhador, o que o torna diferente do *home office* adotado a partir da pandemia, pois neste caso, além do trabalho, muitas pessoas precisaram, por exemplo, cuidar dos filhos (que não estavam indo à escola/creche), de seus lares, etc. (Losekann & Mourão, 2020; Martins, 2021; Martins *et al.*, 2021). Assim, fez-se necessário adaptar-se às novas rotinas, como expresso através das falas de alguns participantes:

Minha maior dificuldade na quarentena é administrar os sentimentos de medo, ansiedade e nervosismo frente às notícias que chegam, e organizar o tempo. Tenho 2 filhos pequenos, e a demanda familiar doméstica e de trabalho aumentou. Sou médica (Participante 102).

Sem a creche, tendo dispensado a diarista, *home office*, e com toda família em casa, o trabalho doméstico e profissional aumentaram muito (Participante 1242).

O trabalho, portanto, passou a tomar todo o tempo das pessoas. Invadiu e confundiu-se ao tempo do lar, do âmbito do relaxamento para a reconstrução da força vital e da criatividade. O que antes eram 8 horas de trabalho diárias tornou-se uma espécie de *full time* existencial, um trabalho no tempo eterno de atividades, o que exauriu, estressou e cansou, via tecnologias que vigiam e sugam a todo o tempo, gerando o sem sentido, o tédio (Lins *et al.*, 2020; Martins, 2021; Martins *et al.*, 2021).

E ainda que o acúmulo de trabalho tenha ocupado todo o tempo das pessoas durante este período, exaurindo-as, houve participantes (embora poucos) a quem o fato de poder trabalhar em suas casas e cumprir o isolamento imposto foi compreendido de forma assertiva: “Durante a quarentena estou tendo o privilégio de trabalhar em regime de *home office*” (Participante 100).

Por fim, é importante mencionar que durante o período do isolamento social alguns serviços essenciais continuaram funcionando, entre eles: hospitais, supermercados, farmácias e clínicas veterinárias. Com isso os trabalhadores desses locais não puderam realizar o isolamento social, e tiveram que seguir com suas rotinas de trabalho e colocando suas vidas na chamada “linha de frente”.

#### 4) Sobre o "Ócio"

Uma das opções de resposta à pergunta sobre o que era o tempo do isolamento diz respeito à possibilidade de relacioná-lo ao "Ócio". Palavra esta que se origina do latim *otium* e, diferente dos sentidos pejorativos a que ainda é associada (tédio, ociosidade, tempo de nada fazer), relaciona-se a um âmbito de apropriação de si mesmo, sendo uma condição que convoca certa autonomia do sujeito com seus processos mais próprios (Martins, 2013, 2018, 2021).

Diferentemente dos apelos hegemônicos da contemporaneidade, o tempo, quando vivido enquanto experiência de ócio, torna-se uma possibilidade de integração do sujeito

com suas sensibilidades e experiências mais íntimas, muitas vezes preteridas em detrimento da necessidade de atender a tantas demandas convocadas pelo contexto contemporâneo. O ócio surge, portanto, como uma convocação de religação do sujeito e seus sentidos, potências, desejos, criatividade (Martins, 2018).

Na expressão do Participante 39 observa-se como o tempo de isolamento social pode estar atribuído a um momento de reflexões e ajustes a respeito dessa relação entre o sujeito, o tempo e sua percepção de mundo, o que pode fazer-se um contexto a convocar a vivência de uma experiência de ócio: “Acredito que seja uma oportunidade de reorganizar horários e atividades, mas também a vida de uma forma geral; repensar prioridades e valores; por diminuir a velocidade e agitação com a qual vivemos”.

E uma vez que o ócio está intrinsecamente relacionado à vida contemplativa (Han, 2016) e à religação do sujeito consigo, sua vivência pode provocar transformações desse sujeito: “Momento de autoconhecimento e de elaborar a mim mesma. Também me fornece oportunidade de pensar em novas formas de contribuir para o coletivo” (Participante 11).

O ócio é compreendido, portanto, como uma experiência em que se destacam apropriação de si, dos sentidos e das experiências. E tal apropriação também possibilita uma religação com o coletivo, em que se faz, conforme destacado: “Oportunidade de transformação pessoal e coletiva” (Participante 73).

Cuenca (2000) compreende que o ócio se relaciona ao sentido subjetivo, diretamente ligado ao desenvolvimento e transformação pessoal, sendo também um âmbito de experiências pessoais vividas de forma singulares e intrínsecas a todo ser humano. Um âmbito marcado pela sensação de liberdade ao se escolher uma atividade, cuja realização convoque experiências que possibilitem o próprio crescimento pessoal – conforme observamos nos trechos a seguir.

Um tempo para ressignificar a vida e suas atividades (Participante 36)

Ócio porque eu posso me reinventar e reinventar meus horários, apesar de não estar livre de obrigações (Participante 1330)

É interessante observar que, contrário às apreensões pejorativas e hegemônicas sobre o ócio, em tais falas dos participantes do estudo pode-se comprovar que algumas

peessoas afirmam o tempo do isolamento como um possível tempo em que se vive o ócio enquanto uma possibilidade de autoconhecimento, de uma tentativa de religação consigo.

Outro ponto importante a se mencionar é que o ócio, para ser vivido, não depende de nada além da abertura do sujeito para uma relação de encontro e apropriação consigo (Francileudo & Martins, 2016), tal como podemos observar no trecho a seguir.

Reorganizar no todo em vários aspectos da vida: tempo de fazer tudo, quando vc [você] não tinha tempo pra nada; de olhar tudo ao redor com calma e refletir; encontrar-se consigo mesmo e ver quanto somos limitados; e, como lente de aumento, ver nossa fragilidade, e começar tudo de um modo novo (Participante 132)

E embora o isolamento social tenha sido uma medida obrigatória, imposta pelo Estado, faz-se possível observar, em todas as respostas dos participantes da presente categoria, como, ao apropriar-se dos seus tempos, existe ainda a possibilidade de religação, introspecção e, portanto, de ócio. O ócio se faz caminho e chegada, a partir do qual o indivíduo se apropria do tempo, e se apropria de si próprio.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou, a partir de um prisma psicossociológico, identificar quais os significados atribuídos por brasileiros ao tempo do isolamento advindo da quarentena decorrente da pandemia de Covid-19. Com esse fim, e com o auxílio do software IRaMuTeQ, foram identificadas as palavras que mais se repetiram em seus discursos, respectivamente: livre, tédio, trabalho, ócio. Com o auxílio da técnica da análise de conteúdo e com base em uma revisão narrativa sobre a temática, foram desenvolvidas quatro categorias de análise, cada qual referente a cada palavra: 1) Livre (Consciência sobre a Liberdade e o Tempo); 2) Tédio; 3) Trabalho; 4) Ócio.

A primeira categoria nos apontou que a vivência do isolamento social, para uma parte dos participantes, fez-se enquanto uma possibilidade que convocou uma sensação de liberdade, ainda que resguardados entre as paredes do domicílio. Nesse contexto, a vivência do tempo também adquiriu outros significados, neste caso voltados para o âmbito subjetivo destes sujeitos.

A segunda categoria, por vez, nos permitiu observar que, para muitos dos participantes do estudo, a relação com o tempo vivido durante o isolamento foi marcada pelo tédio, ou seja, pela falta de sentidos frente ao tempo, frente às atividades desenvolvidas neste, o que também consiste em uma falta de sentido em relação à própria existência no momento presente. É a desapropriação de si mesmo marcada pelos internos vazios, dos quais outrora, em um contexto pré-pandêmico, se tentava fugir com excessos de trabalhos e consumos, em que se destacam o efêmero. Eram tempos efêmeros, cotidianos efêmeros. Vidas orientadas a partir do efêmero.

No que se refere à terceira categoria, observamos que o tempo do isolamento também se caracterizou pelo aumento da quantidade de horas de trabalho em *home office* e acúmulo de trabalhos. Neste caso, o *home office* misturou-se às demais atividades em domicílio, como a atenção e o cuidado oferecidos à família, em específico aos filhos, que estiveram sem ir à creche/escola. Tais fatores geraram um sentimento de angústia e exaustão em muitos dos participantes.

Já a última categoria, diferente das demais, nos permitiu concluir que o tempo vivido durante o isolamento também pode se tornar uma possibilidade de realização de práticas em que se destacaram vivências de experiências de ócio. Experiências que permitiram um religar-se do sujeito a si próprio, novas descobertas, novos olhares sobre o tempo que se vive, sobre a vida. Em outras palavras: a possibilidade da recriação de si durante o tempo do isolamento.

Temos, desse modo, que o tempo vivido durante o isolamento expressou novas possibilidades de apreensões de si em meio a um mundo cujas dinâmicas contemporâneas, marcadas por excessos e cansaços, de algum modo pararam. O efêmero já não era mais o cotidiano. Foi convocado um voltar-se para dentro, para dentro de casa, para dentro de si e debruçar-se sobre os próprios vazios, sobre o que realmente importa. Momento de redescobrir valores, revalorizar momentos outrora esquecidos ou aos quais jamais se referia: a reflexão sobre os valores realmente importantes para cada indivíduo; sobre o lugar do trabalho, do lazer e do ócio no cotidiano; o lugar e o papel da família, mediante uma convivência com familiares durante vinte e quatro horas diárias – um dos

maiores desafios do isolamento; aprender a estar sozinho, a experimentar-se, a reconquistar-se e a construir-se enquanto obra.

É inegável que patologias que antes da pandemia já tanto apareciam e eram “escondidas” sob doses cada vez maiores de remédios, tarjas pretas e outras drogas, possivelmente já não mais se esconderam: depressões, síndromes do pânico, *burnout*, e tantas outras, como se mais fossem plantas, nos afloraram, o *alien* que somos nos rasgou o peito, os corpos. Era o Outro em nós, e o Real que pôs seu olho frente ao nosso, escancarando-nos as cruzeiras de nossa condição humana. Cabe então a busca por responder às questões: afinal, o que sou? Quem sou? A quem pertença? Como me apropriar de meu tempo? Como me apropriar de minha vida? Que vida é essa que vivo?

Do isolamento, e da pandemia, cremos, alguns estamos saindo melhores. Outros, mais doentes. Estressados. Depressivos. Traumatizados. Sem suportar a própria companhia. E muitos seguirão dopados, tentando esconder a angústia e o próprio vazio que lhes cresce e lhes devora. No entanto, sabemos: o tempo é do agora. A vida é tempo. E é impossível fugir da vida. É impossível fugir do tempo. É impossível fugir de si.

E para concluir, ressaltamos que, como toda pesquisa científica, embora os resultados obtidos sejam consistentes teoricamente e representem uma contribuição significativa sobre as apreensões acerca dos significados atribuídos pelo brasileiro ao tempo do isolamento advindo da quarentena em decorrência da pandemia pela COVID-19, o presente estudo possui limitações. Uma delas refere-se à forma de coleta de dados *online*, que pode ter limitado o acesso de participantes sem acesso à *internet* ou com limitação de leitura. Esta foi, entretanto, uma decisão metodológica baseada em custo-benefício, pois esta estratégia permitiu contar com a participação de pessoas de diferentes regiões do país, o que também pode ser considerado um diferencial positivo do presente estudo. Contempla-se ainda a necessidade de realização de outros estudos sobre o tema, para verificar como os significados sobre o tempo podem mudar ao longo da pandemia.

## REFERÊNCIAS

Agamben, G. (2016). *O amigo & o que é um dispositivo?*. Argos.

Aquino, E. M. L., Silveira, I. R., Pescarini, J. M., Aquino, R., Jaime Almeida de Souza-Filho, J. A., Rocha, A. S., ... Lima, R. T. R. S. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl. 1), 2423-2446. doi:10.1590/1413-81232020256.1.10502020

Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bezerra, A. C. V., Silva, C. E. M., Soares, F. R. G., & Silva, J. A. M. (2020). Factors associated with people's behavior in social isolation during the COVID-19 pandemic. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5(Supl. 1), 2411-2421. doi: 10.1590/1413-81232020256.1.10792020

Butler, J. (2017). *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Autêntica.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). Resenha. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas de Psicologia*, 21(2), 513-518. doi: 10.9788/TP2013.2-16

Crepaldi, M. A., Schmidt, B., Noal, D. S., Bolze, S. D. A., & Gabarra, L. M. (2020). Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200090, doi: 10.1590/1982-0275202037e200090

Cristina de Oliveira, A., Lucas, T. C., & Iquiapaza, R. A. (2020). O que a pandemia da Covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?. *Texto & Contexto Enfermagem*, 29, E20200106. doi: 10.1590/1980-265x-tce-2020-0106

Cuenca, M. C. (2000). Ocio humanista, dimensiones y manifestaciones actuales del ocio. *Documentos de estudios de ocio*. Instituto de Estudios de Ocio/Universidade de Deusto.

Faro, A., Bahiano, M. A., Nakano, T. C., Reis, C., Silva, B. F. P., & Vitti, L. S. (2020). COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200074. doi:10.1590/1982-0275202037e200074

Ferreira, K. P. M., Melo, C. F., Lima, A. F., Mourão, A. R. T., Almeida, A. M. B., Costa, I. M., & Moraes, J. C. C. (2021). Quando nossa casa pega fogo: significados da quarentena em tempos de COVID-19. In: J. C. O. Martins, C. F. Melo & F. W. S. Barbosa Junior (org.). *Ensaio da pandemia: o isolamento social entre caos e recriação da vida* (pp. 41-54). Appris.

Francileudo, F. A., & Martins, J. C. (2016). *Sentido do tempo, sentido do ócio, sentidos para o viver*. Grácio.

Garbois, J. A., Sodré, F., & Dalbello-Araujo, M. (2017). Da no o de determina o social   de determinantes sociais da saúde. *Saúde em Debate*, 41(112), 63-76. doi: 10.1590/0103-1104201711206

Governo do Brasil. (2020, março, 11). *OMS classifica coronavírus como pandemia*. <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/03/oms-classifica-coronavirus-como-pandemia>

Han, B.-C. (2016). *O aroma do tempo*. Relógio d'  gua.

Han, B.-C. (2018). *Sociedade do Cansaço*. Vozes.

Honório, E. (2021). A *Via Crucis* do *homo sapiens*: Trigésima quinta esta o – COVID-19. In: J. C. O. Martins, C. F. Melo & F. W. S. Barbosa Junior (org.). *Ensaio da pandemia: o isolamento social entre caos e recria o da vida* (pp. 15-39). Appris.

Kleber de Oliveira, W., Duarte, E., França, G. V. A., & Garcia, L. P. (2020). Como o Brasil pode deter a COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2), e2020044. doi: 10.5123/s1679-49742020000200023

Le Breton, D. (2018). *Desaparecer de si: Uma tenta o contemporânea*. Vozes.

Lins, C. F. M., Costa, I. M., Moraes, L. D., Barbosa Junior, F. W. S., & Martins, J. C. O. (2020). Ócio, lazer e tempo livre das velhices em quarentena: Perspectivas psicossociais de um estudo brasileiro. *LICERE - Revista do Programa de P s-gradua o Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 23(3), 341-368. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2020.25446>

Losekann, R., & Mourão, H. C. (2020). Desafios do teletrabalho na pandemia covid-19: quando o home vira office. *Caderno de Administra o*, 28(Edi o E), 71-75.

Macedo, Y. M., Ornellas, J. L., & Bomfim, H. F. (2020). Covid-19 no Brasil: o que se espera para a popula o subalternizada?. *Revista Encantar-Educa o, Cultura e Sociedade*, 2, 01-10.

Martins, J. C. O. (2013). Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In J. C. O. Martins, & M. M. Baptista (org.). *O ócio nas culturas contemporâneas* (pp. 11-22). Coimbra: Gr cio.

Martins, J. C. (2018). O ócio na contemporaneidade cansada. *Revista do Centro de Pesquisa e Forma o – SESC*, (Ed. Especial), 35-44.

Martins, J. C. (2021). Ócio: Reflexões a partir do isolamento social. In: J. C. O. Martins, C. F. Melo & F. W. S. Barbosa Junior (org.). *Ensaio da pandemia: o isolamento social entre caos e recria o da vida* (pp. 215-232). Appris.

Martins, J. C. O., Moraes, L. D., Barbosa Junior, F. W. S., Costa, I. M., & Lins, C. F. M. (2021). Restrições ao lazer e seus impactos na saúde mental de idosos no isolamento social: apreensões a partir de um estudo psicossociológico brasileiro. *Revista Kairós-Gerontologia*, 24(especial 30 “Covid-19 e Envelhecimento”), 43-63.

Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS]. (2020). Folha informativa sobre COVID-19. OPAS.

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875)

Salis, V. D. (2004). *Ócio criador, trabalho e saúde*. Claridade.

Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Bolze, S. D. A., Neiva-Silva, L., & Demenech, L. M. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (Covid-19). *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200063. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>

Svendsen, L. (2015). *Filosofia do tédio*. Rio de Janeiro: Zahar.

Wei, N., Huang, B.-c., Lu, S.-j., Hu, J.-b., X.-y., Hu, C.-c., ...Hu, S.-h. (2020). Efficacy of internet-based integrated intervention on depression and anxiety symptoms in patients with COVID-19. *Journal of Zhejiang University Science B.*, 21(5), 400–404. doi: 10.1631/jzus.B20100131

World Health Organization. (2020a). *Rational use of personal protective equipment (PPE) for coronavirus disease (COVID-19): interim guidance*. Geneva (CHE): WHO. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331498>

World Health Organization. (2020b). *Considerations for quarantine of individuals in the context of containment for coronavirus disease (COVID-19): Interim guidance*. Geneva (CHE): WHO. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331299>